

Ligia Fernandes Araújo

A ESCOLA DE SAMBA LAVAPÉS: UM PATRIMÔNIO CULTURAL NO  
GLICÉRIO

CELACC – ECA / USP

2012

Ligia Fernandes Araújo

A ESCOLA DE SAMBA LAVAPÉS: UM PATRIMÔNIO CULTURAL NO  
GLICÉRIO

Artigo científico apresentado ao Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, núcleo interdepartamental da ECA - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

CELACC – ECA / USP

2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, ao meu companheiro Renato Dias, fundador do Kolombolo diá Piratininga, com quem aprendi sobre a riqueza da cultura e do samba paulistas, ao parceiro nas pesquisas sobre a Lavapés e, também, fundador do Kolombolo, Max Frauendorf, à Gisela Moreau e Guga Stroeter, da Sambatá, pelo apoio para fazer este curso, ao meu orientador, Prof. Dr. Dennis de Oliveira, e todos os mestres do CELACC, à Rosemeire Marcondes, presidente da Lavapés, e família, ao Sr. José Madre, Dona Lúcia Madre e família, e todos os sambistas que contribuíram com suas memórias para o entendimento da importância da Lavapés e de Dona Eunice para o samba e a preservação desta expressão e suas raízes na cidade de São Paulo.

“Um povo que não ama e não preserva as suas  
formas de expressão mais autênticas  
jamais será um povo livre.”

(Plínio Marcos no álbum “Plínio Marcos em Prosa e  
Samba – Nas Quebradas do Mundaréu”, 1974).

## SUMÁRIO

Resumo	07
Introdução	08
1. A escola de samba Lavapés	10
2. Sobre o samba e o carnaval em São Paulo	16
3. Sobre o Glicério	23
4. Potencialidades e dificuldades	25
Considerações finais	28
Referências bibliográficas	29

## RESUMO

O artigo apresenta a escola de samba Lavapés como um patrimônio cultural a ser reconhecido e preservado, partindo-se de levantamentos sobre a história da entidade, do samba em São Paulo e da comunidade em que está localizada desde 1937.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lavapés, Glicério, São Paulo, samba, carnaval.

## ABSTRACT

The article presents the samba school Lavapés as a cultural heritage to be recognized and preserved, starting from the surveys on the history of the entity, the samba in Sao Paulo and the community in which it is located since 1937.

**KEYWORDS:** Lavapés, Glicério, São Paulo, samba, carnaval.

## RESÚMEN

El artículo presenta la escuela de samba Lavapés como un patrimonio cultural que debe ser reconocido y preservado, a partir de las encuestas sobre la historia de la entidad, del samba en Sao Paulo y la comunidad en la que se encuentra desde 1937.

**PALABRAS-LLAVE:** Lavapés, Glicério, São Paulo, samba, carnaval.

## A ESCOLA DE SAMBA LAVAPÉS: UM PATRIMÔNIO CULTURAL NO GLICÉRIO

Ligia Fernandes Araújo<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O samba é uma das expressões culturais que melhor representa o Brasil, pois sua larga escala de manifestações e vertentes encontrada no país é fruto das influências e interferências culturais que foram recebidas ao longo de sua história.

Sotaques, ritmos, versos e danças que caracterizam as manifestações ou vertentes do samba, do jongo ao carnaval, ilustram a formação étnica, as tradições religiosas, os costumes, o contexto histórico-político local e as histórias das pessoas que as representam. E São Paulo, comumente descrito como uma metrópole absorvente das expressões e costumes de todos os cantos do Brasil e do mundo, possui em sua capital e interior uma cultura tradicional própria e que se manifesta artisticamente, com uma variedade expressões, batuques e sambas.

Ter a oportunidade de conhecer a história dos sambistas mais velhos, das agremiações carnavalescas mais antigas da cidade e das manifestações ou vertentes do samba paulista, é poder compreender uma comunidade e seus indivíduos. Conhecer nossas identidades e diversidade cultural é fundamental para compreendermos a sociedade em que vivemos e, conseqüentemente, contribuirmos para o seu desenvolvimento e a preservação de sua memória, através da apropriação, defesa e multiplicação desse conhecimento.

Este trabalho tem como objetivo levantar elementos que contribuam com o reconhecimento da Sociedade Recreativa Beneficente Escola de Samba Lavapés como um patrimônio cultural que necessita ser preservado.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e integrante do Grêmio Recreativo de Resistência Cultural Kolombolo diá Piratininga – dedicado à valorização e divulgação do samba paulista.

Para tanto, fez-se uso de contatos com a direção da escola de samba, ex-integrantes e sambistas que testemunharam as atividades da Lavapés desde a sua fundação, em 1937; entrevistas concedidas à autora e aos pesquisadores Renato Dias e Max Frauendorf, entre 2002 e 2012 – no início coletados para uma possível publicação sobre a agremiação (projeto do Kolombolo diá Piratininga); referencial bibliográfico, com destaque para as publicações de Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2007 e outros) e Wilson Rodrigues de Moraes (1971), que entrevistaram a fundadora e matriarca da Lavapés, Madrinha Eunice; publicações da imprensa; e, sítios eletrônicos da internet.

Neste artigo será apresentado o histórico da Lavapés – em grande parte baseado nos relatos dos familiares dos fundadores e sambistas mais próximos, que algumas vezes se mostraram conflitantes - bem como as implicações de sua localização e da formação de seu bairro, do samba e do carnaval paulistas.



## 1. A ESCOLA DE SAMBA LAVAPÉS

Das agremiações fundadas como “escola de samba” ainda em atividade em São Paulo, a mais antiga é a Sociedade Recreativa Beneficente e Esportiva do Lavapés, fundada em 09 de fevereiro de 1937, na Baixada do Glicério (região do bairro da Liberdade, zona central da cidade), por Deolinda Madre, a “Madrinha Eunice” (14/10/1909 – 06/04/1995), seu marido Francisco Papa, o “Chico Pinga”, e seu irmão, José Madre, o “Zé da Caixa” (01/08/1918 - 2003).

Deolinda - que escolheu “Eunice” para seu nome artístico e, também, era chamada de “Madrinha” devido aos inúmeros afilhados que tinha - e seus irmãos “Zé da Caixa”, Glória e Conceição nasceram em Piracicaba, interior de São Paulo, onde tiveram contato com a tradição do batuque de umbigada. Esta manifestação cultural negra típica da região de Piracicaba possui remanescentes conhecidos na capital e em outras cidades, como Tietê e Capivari, e, segundo o antropólogo Marcelo Simon Manzatti, junto do jongo e do samba rural “formam o tripé de Batuques praticados pelos paulistas desde a introdução do elemento negro no estado” (MANZATTI, 2005, p. 75).

Segundo o registro de nascimento, datado de 18 de dezembro de 1909, embora tenha nascido em 14 de outubro do mesmo ano, Deolinda Madre era filha de Mathias Madre, natural de Capivari (SP), e Sebastiana Franco do Amaral, natural de Piracicaba (SP). Seus avós paternos eram Antonio Teixeira Madre e Deolinda Madre e, os maternos, Pedro Barbosa de Moraes e Sebastiana do Amaral.

Por volta dos 12 anos de idade Eunice veio para a capital com sua tia para ajudá-la a cuidar de seus primos pequenos, e se instalaram na Rua Tamandaré, possivelmente no número 138, na região do bairro da Liberdade chamada Várzea do Glicério. Posteriormente, Deolinda residiu também à Rua da Glória, Rua Galvão Bueno, Rua Barão de Iguape (onde foi a quadra da Lavapés por, aproximadamente, 40 anos, como será descrito adiante), portanto permaneceu no bairro desde sua chegada à cidade até pouco antes de seu falecimento, em 1995.

Seu companheiro e também fundador da Lavapés, o italiano Chico Pinga, residia em Campinas/SP e, além de ter sido muito dado às festas de batuques, alguns sambistas relatam que foi um exímio cavaquinista. Seus irmãos Vado, Carminha e Pécio “Branco” Papa também participavam do samba. O pesquisador José Geraldo Vinci de Moraes, em seu livro *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*, cita Chico Pinga entre os italianos que se destacaram no samba paulistano. (MORAES, 2000, p. 80)

Madrinha Eunice e Chico Pinga se conheceram na Festa de Bom Jesus de Pirapora, tradição que movia romarias, sambas e batuques de diversas partes do estado para a cidade de Pirapora do Bom Jesus/SP. Durante vários anos Dona Eunice manteve o costume de levar os integrantes da escola e sua família à Festa de Bom Jesus de Pirapora e, segundo os entrevistados, após assistirem à procissão, o grupo seguia para trás da igreja ou barracões onde aconteciam os batuques e rodas de samba de bumbo que duravam a noite inteira.

O dia de Bom Jesus de Pirapora é comemorado em 06 de agosto e a tradição gira em torno da imagem que foi encontrada na região em 1725, aproximadamente, às margens do rio Tietê, e que passou a ser considerada milagrosa. A festa é realizada até hoje, mas os batuques frequentados por Madrinha Eunice e muitos outros mestres do samba paulista já não existem mais. O festejo foi registrado por Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss e imortalizado por Geraldo Filme na música “Batuque de Pirapora” e no samba de enredo “Tradições e Festas de Pirapora”, feito para o carnaval da escola de samba Unidos do Peruche de 1971.

O Glicério, região baixa e alagadiça do bairro da Liberdade, é considerado um dos principais redutos negros da capital paulista do final do século XIX e começo do século XX, junto da Barra Funda e do Bexiga. Segundo o sambista e pesquisador Osvaldinho da Cuíca em seu álbum “História do Samba Paulista I – narrada e cantada por Osvaldinho da Cuíca. Participação de Aldo Bueno, Germano Mathias e Thobias da Vai-Vai”, lançado em 1999, o registro mais antigo de manifestação carnavalesca da cidade de São Paulo vem desta região, quando o grupo “Zuavos”, formado por escravos alforriados, desfilou pelo bairro em 1857.

Desde as primeiras décadas do século XX eram realizados nestes redutos batuques em dias de festas religiosas, consideradas as matrizes das associações do povo negro que viriam a organizar as manifestações carnavalesca. Além do Treze de Maio que movimentava diversos pontos da cidade, no Glicério, havia os encontros de 3 de Maio quando acontecia a Festa de Santa Cruz na Igreja dos Enforcados, na Liberdade, e na Igreja de Santa Cruz, na Rua Espírita, no Glicério. (SIMSON, 2007, p. 101)

Madrinha Eunice, que manteve até a morte a tradição de reunir a família e amigos na noite de São João e freqüentava a Festa de Santa Cruz, fez parte de um do bloco carnavalesco do Glicério, na década de 1930, chamado Baianas Paulistas ou Baianas Teimosas, e que durou cerca de três anos, até que, em 1936, o casal Madrinha Eunice e Chico Pinga foi passar uma temporada com familiares no Rio de Janeiro quando assistiram ao carnaval da Praça Onze. O marco da fundação da Lavapés se dá com o retorno do casal para São Paulo e com a decisão de Madrinha Eunice de formar um grupo carnavalesco como o que viu no Rio de Janeiro. Ela, então, reuniu alguns batuqueiros e 20 homens do bairro para desfilarem vestidos de baianas. Assim nascia a Lavapés. Segundo José Madre, outros nomes foram sugeridos para a escola, como “Aí vem a baiana”, mas Dona Eunice decidiu que seria Lavapés.

No primeiro ano de desfile as cores da Lavapés eram amarelo e preto, mas no ano seguinte Dona Eunice mudou para vermelho e branco, como eram as da escola que ela dissera ter gostado de ver no Rio de Janeiro e o símbolo adotado para a escola foi uma baiana, figura pela qual Dona Eunice tinha grande admiração. Ela representaria a tradicional ala carnavalesca e as grandes matronas dos terreiros e irmandades que propiciaram a preservação e o desenvolvimento das tradições de origem africana de grupos vindos da Bahia para o Rio de Janeiro e São Paulo.

A escola foi considerada uma das mais fortes em sua época áurea e dela participaram vários sambistas que, mais tarde, fundariam e participariam de outras escolas da cidade. Entre eles, Carlão do Peruche (fundador da Unidos do Peruche, em 1956), Silval do Império (fundador da Império do Cambuci, em 1963), Chiclé e Mestre Thadeu (do Vai-Vai), os radialistas Moraes Sarmiento e Evaristo de Carvalho, Mestre Lagrila e o multiartista Germano Mathias.

A Lavapés passou por, praticamente, todos os espaços dedicados aos desfiles de carnaval desde sua fundação em 1937. Praça da Sé, Vale do Anhangabaú, Avenida São João, Tiradentes e até o Sambódromo. No final da década de 30 e década de 40, participava de disputas organizadas por comerciantes e rádios em diferentes pontos da cidade, sendo considerada a maior campeã deste período. Na década de 50, houve a unificação das disputas de agremiações carnavalescas na Praça da Sé e, entre escolas e cordões, a Lavapés foi tetracampeã (1950 a 1953) e também ganhou o campeonato em 1956. Na década de 1960, período em que a disputa ficou acirrada devido ao surgimento de novas escolas e o fortalecimento das agremiações, como a Unidos do Peruche e Nenê de Vila Matilde, a escola levou o título em 1961 e em 1964, foi campeã pela última vez entre as escolas de elite. (URBANO, 2012, p. 99)

Após muitos anos de competição entre as principais agremiações carnavalescas e certo período de “dominação” – umas vez que o formato de escola de samba só veio a ser obrigatório para a competição a partir do carnaval de 1968 e com isso a agremiação garantiu certo destaque por um longo tempo - a Lavapés teve seu primeiro rebaixamento em 1971 e, em 1975, desfilou pela última vez no grupo especial.

Segundo relatos de familiares, no final dos anos de 1960, Madrinha Eunice e Chico Pinga se separaram e ela continuou a cuidar da Lavapés até a sua morte, em 06 de abril de 1995, em decorrência da diabetes, no bairro da Vila Ede (zona norte de São Paulo), bairro em que esteve sob os cuidados da família de seu irmão, Zé da Caixa. A sua neta e “braço direito” nos afazeres da agremiação, Rosemeire Marcondes, assumiu a presidência da escola e desde então se dedica com toda a família a manter a Lavapés atuante no carnaval paulistano.

Rosemeire é casada com Percival, vice-presidente da escola, e mãe de Emerson (29), Everton “Bolão” (28), atual mestre de bateria da Lavapés, as dirigentes de ala e assistentes Dandara (24) e Tâmara (18), e dos jovens e talentosos ritmistas Percival “Bongos” (15), tricampeão do concurso Repinique de Ouro, Ludmila (12) e o caçula, Luiz Miguel (8), nascido no Dia Nacional do Samba (02 de dezembro).

Nascida em 28 de março de 1967, na casa de Dona Eunice, na Rua da Glória, Rosemeire já foi porta-bandeira, intérprete, ritmista e exerceu outras funções na escola. Sua mãe, Maria Aparecida Marcondes, foi criada por Madrinha Eunice desde os 40 dias de vida, devido ao falecimento da avó biológica de Rosemeire, Maria Tereza Mauro, que era rumbeira da Lavapés, por tuberculose. Portanto, Rosemeire e sua mãe cresceram dentro da Lavapés. Maria Aparecida Marcondes foi Bonequinha do Café – título dado em um concurso anual promovido pela UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas) para a negra mais bonita do Brasil – e conheceu seu marido, Wilson Marcondes, o “Teixeirinha”, na Lavapés. Ele realizou diversas funções e chegou a ser vice-presidente da agremiação. Muito envolvido com a organização da escola, foi assassinado na sede da Lavapés, em 1970, após uma discussão com o ritmista, e então amigo, apelidado de “Chupeta”, que não aceitou a decisão de Wilson de que ele não seria um dos batuqueiros a representar a escola no Rio de Janeiro para o concurso Baqueta de Ouro, uma vez que se atrasara voltando de Pirapora do Bom Jesus.

Atualmente, as competições oficiais do carnaval paulista são geridas pelas entidades UESP – União das Escolas de Samba Paulistanas e Liga Independente das Escolas de Samba. As agremiações campeãs ou vice-campeãs de um determinado grupo classificatório passam para um grupo acima até chegar ao especial, que desfila na sexta e sábado de carnaval (transmitido pela TV Globo). A ordem de ascensão entre os grupos é: 4, 3, 2 e 1, geridos pela UESP, e grupos de acesso e especial, geridos pela Liga.

Em 2012 a Lavapés disputou o título do grupo 4 da UESP – divisão em que as escolas não recebem nenhuma verba da prefeitura e precisam colocar o samba na avenida com recursos próprios. Em 2013 disputará pelo grupo 3, onde receberá cerca de R\$ 30.000,00.

Alguns sambistas atribuem o declínio da Lavapés dentro do carnaval de São Paulo ao afastamento da comunidade negra do centro. No documentário produzido pelo grupo Racionais MCs, “1000 Trutas 1000 Tretas”, é narrada a trajetória enfrentada pelos negros no Brasil e seus quilombos urbanos, em diferentes épocas, com foco na cidade de São Paulo. Nele vemos o bairro da Liberdade e região citado ao lado do

Bexiga e Barra Funda como alguns dos principais redutos da comunidade negra paulistana após a abolição da escravidão no Brasil e à expulsão dos negros do centro velho para os arredores, devido ao plano de urbanização e ocupação da elite.

Esses espaços consolidaram-se como território negro devido à concentração dos poucos postos de ocupação que lhes eram destinados e à presença dos terreiros e casarões de moradia coletiva. Neles, nas primeiras décadas do século XX, estavam sediadas irmandades, sociedades, agremiações, escolas de samba, times de futebol e salões de bailes – espaços de expressão, discussão e construção de caminhos em busca da emancipação do povo negro – mas que desde o princípio foram estigmatizados como locais de “desclassificados”.

Ainda o documentário explica que a partir da década de 1930 ocorre uma nova migração da comunidade negra para bairros mais afastados e sem nenhuma infraestrutura, para ocupação de lotes fundados na periferia da cidade adquiridos pelas sociedades negras que buscavam novas opções para a formação de territórios familiares. Os primeiros bairros ocupados foram Casa Verde, Vila Formosa, Parque Peruche, Cruz das Almas e Bosque da Saúde.

Outra questão atribuída como razão do enfraquecimento da comunidade da Lavapés foi o crescimento das escolas e cordões concorrentes, como o Vai-Vai e Nenê de Vila Matilde, que teriam atraído seus componentes. Os relatos indicam que a organização da escola foi mantida à moda antiga, sempre concentrada na figura de Madrinha Eunice, e que, possivelmente, não teve a estrutura organizacional e financeira necessários para acompanhar o desenvolvimento do carnaval e das escolas paulistanas na competição de elite, passando a destoar neste cenário.

A quadra da Lavapés, desde meados da década de 1960, era na Rua Barão de Iguape, 985, no Glicério, mas o terreno foi retomado pelo governo federal em 2004, após um pedido de autorização para reforma de melhoria dos banheiros. Até o início de 2012 o local estava parado.

Há vários anos passando por dificuldades, principalmente nesses últimos 8 anos em que a escola está sem quadra ou sede apropriada que permita a concentração de sua

comunidade e a realização de atividades e eventos básicos de uma agremiação, a direção da Lavapés concentra seus esforços na manutenção da escola dentro da competição oficial.

A sede da Lavapés passou a ser a casa em que Rosemeire e sua família residissem. Em 2011, integrantes do PPL (Partido Pátria Livre) emprestaram uma sala localizada na Rua Sinimbu, número 39, para uso da agremiação, mas esta deve ficar inteiramente ocupada com os instrumentos, documentos, acervo e demais materiais que a escola acumula nesses 75 anos de atividade.

Nessa situação, torna-se um grande desafio formar seu público, reunir seus componentes e promover a reafirmação da comunidade que a acompanhará nos eventos de carnaval. Maior ainda é o desafio de criar e realizar ações paralelas ao carnaval, como festas, eventos culturais e sociais diversos, e até mesmo receber visitantes com interesse em saber mais sobre a história da Lavapés e do samba de São Paulo.

## 2. SOBRE O SAMBA E O CARNAVAL EM SÃO PAULO

Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira o termo “samba” é uma variação da palavra “semba” que, em língua africana - possivelmente provinda do Congo ou Angola, de onde veio grande parte dos povos escravizados trazidos ao Brasil -, significa umbigada, e uma das publicações mais antigas com a grafia “samba” foi feita em fevereiro de 1938, por Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, na revista pernambucana “Carapuceiro”, para descrever um folguedo popular realizado por negros na época. O termo continuou a ser empregado para definir estas manifestações ao longo dos séculos e a dança “samba”, que sempre era levada por um tipo diferente de batuque, ganhou características próprias em cada estado brasileiro, influenciada pelas peculiaridades de cada lugar, e hoje pode ser encontrada com diversos nomes, como, por exemplo: jongo, samba-lenço, sambaural e tiririca (São Paulo); tambor-de-crioula (Maranhão); e, samba-de-roda (Rio de Janeiro). Ainda sobre a origem da palavra “samba”, no dicionário registra-se que há várias explicações para a sua origem, podendo vir do árabe (mouro) “Zambra” ou “Zamba”, ou do quimbundo (dialeto africano) “Sam” = dar acrescido de “Ba” = receber, ou “Ba” = coisa que cai. (do site [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br), visitado em 12/02/2012)

Sobre os primórdios do Carnaval, na versão digital do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira é colocado que a festa limitava-se aos entrudos, uma festa popular de origem portuguesa que se desenvolveu nas ilhas africanas Cabo Verde e Madeira como atividade que precedia a quaresma, e na qual não havia música ou dança. Seu principal elemento eram os limões-de-cheiro (objetos cheios de água suja) lançados entre os participantes na rua, mas a brincadeira entrou em declínio no início do século XX. (do site [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br), visitado em 12/02/2012)

As classes mais abastadas, então, procurariam os bailes carnavalescos na década de 1840 e, em meados do século XIX, no Rio de Janeiro, surgiriam os grandes clubes carnavalescos ou sociedades que promoveriam os desfiles com carros alegóricos e comissão de frente luxuosa e montada a cavalo. Os ranchos carnavalescos, que precederam as escolas de samba, surgiriam por volta de 1872. (do site [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br), visitado em 12/02/2012)



A diferença entre os ranchos e escolas de samba cariocas era estabelecida pelas classes sociais às quais estavam associados: enquanto os ranchos eram uma criação da burguesia, com seus cortejos conduzidos por instrumentos de sopro executados por grandes músicos, as escolas de samba tinham origem na classe operária e se apresentavam com instrumentos de percussão tocados por pessoas da comunidade. (do site [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br), visitado em 12/02/2012)

A professora doutora da Universidade Estadual de Campinas, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, da área de antropologia, possui vários estudos publicados sobre memória oral, patrimônio histórico-cultural, samba e carnaval paulistas, e em seu livro “Carnaval em Branco e Negro. Carnaval Popular Paulistano - 1914-1988” (2007) apresenta uma linha cronológica e evolutiva dessa festa popular no sudeste brasileiro, descrita em três períodos resumidos a seguir.

O primeiro, da época colonial a meados do século XIX, caracterizado pela recente urbanização da sociedade, grande parte da população com pouca escolaridade, e pela participação da maioria em festejos religiosos, “embora, dentro da festividade, cada camada social tivesse seu papel definido”, o entrudo era a forma de se divertir no carnaval, trazida pelos colonizadores portugueses. Nele, senhores e escravos saíam às ruas para brincar, “mas cada um com seu papel claramente delimitado: o senhor atirando limões ou laranjas-de-cheiro, e o escravo carregando bandejas”, com os materiais usados na brincadeira, “ou, ainda, servindo de vítima para o brinquedo do branco, sem o direito de esboçar nenhuma reação”. A autora salienta que os negros faziam as mesmas brincadeiras entre si, porém, em horários diferentes. Ela ainda analisa que, nesta fase, enquanto nas festividades profanas, como o entrudo, as classes sociais eram mais delimitadas, as festas religiosas tinham um caráter de confraternização entre elas. (SIMSON, 2007, p. 19)

O segundo, de 1870 a 1930, é marcado pela diferenciação entre as classes sociais, devido ao enriquecimento pelo café. As mudanças surgem no Rio de Janeiro, Vale do Paraíba e, depois, começa a surgir em São Paulo, e são expressas na forma de se divertir e nos hábitos da burguesia, que copiava o estilo europeu, em uma tentativa

de se diferenciar culturalmente das camadas mais pobres. Ao mesmo tempo, esses novos costumes viriam servir de mercado para os países industrializados europeus.

Neste período, cada camada social passaria a ter suas formas exclusivas de entretenimento. Os antigos festejos, mais rústicos, agora considerados “bárbaros”, foram sendo afastados das regiões do centro em que estava a elite. Nessa fase, a camada mais abastada copiava o estilo europeu, enquanto a mais pobre, sem recursos, usava de sua “criatividade e experiências anteriores para criar novas formas de divertimento”. E tais diferenças podiam ser observadas nas formas de brincar o carnaval. O modelo veneziano, copiado do estilo burguês italiano ou francês, foi introduzido a partir de 1855. Ele era caracterizado por bailes de máscaras e luxuosos desfiles pelas principais ruas da cidade. Os foliões burgueses vinham com luxuosas fantasias em carruagens, os chamados corsos, ou em carros alegóricos. Aos mais pobres, durante certo tempo, era permitido chegar aos bairros de elite no centro para assistir a esses desfiles. A citada autora conclui, então, que, sabendo-se da permissão dessa forma luxuosa de desfile carnavalesco, e associando-se a isso as procissões e outras experiências religiosas, como “pastoris, reisados, cucumbis e afoxés”, os integrantes das camadas mais pobres puderam “criar sua nova maneira de brincar o carnaval, que fosse socialmente aceita: os zé-pereiras, os ranchos, os blocos, os cordões”. Segundo, Von Simson, o jornal - forte instrumento do comércio – teve grande influência nessa época de mudanças culturais. (SIMSON, 2007, p. 21)

O terceiro e último período, que vai de 1930 à atualidade, a citada autora explica como a sociedade recebe a influência dos meios de comunicação de massa, que, sob a orientação capitalista e a serviço da recém-surgida indústria fonográfica, transformam a música típica das camadas menos privilegiadas, o samba, em mercadoria. As escolas de samba – “formato criado na década de 1930 pelas classes populares, de origem africana, habitantes dos morros e subúrbios cariocas”, incentivada pelo comércio e poder público – passaram a ser vistas como mercadorias. O modelo, transmitido para todo o Brasil, vai atrair representantes das classes mais privilegiadas e influenciar o carnaval de outras cidades. (SIMSON, 2007, p. 27)

A mais antiga expressão negra paulistana descrita por Simson (2007), que foi extinta das festividades da cidade e hoje possui remanescentes no interior paulista, é o Caiapó, surgido no período colonial. Este folguedo consistia em um auto dramático que contava, por meio de dança e música, a história de um cacique indígena que é morto por um homem branco, mas que consegue voltar à vida graças ao pajé. Apesar do caráter de denúncia aos maus tratos e repressão sofridos pelos negros que a realizavam e por seus personagens muito perseguidos, os índios, tal manifestação foi aceita ao longo do século XVIII e início do XIX como parte das procissões coloniais porque seus instrumentos de percussão funcionavam como atrativo. Mas em meados do século XIX os caiapós foram proibidos de participar das procissões paulistanas. Tentou-se obter permissão para realizar o folguedo após as procissões por meio de pedidos à Câmara Municipal, mas as autorizações eram dadas e depois retiradas, até ser completamente banida das festas religiosas da cidade nas últimas décadas do século XIX. Os grupos de caiapó, em busca de novo espaço na programação de festas da cidade, passou a ser realizado no carnaval de São Paulo até 1910, quando desapareceu da cidade devido a modernização. Hoje ele deve ser encontrado no Carnaval, festas de Natal, Reis e do Divino Espírito Santo em Ilhabela, e no Sábado de Aleluia em cidades como Ubatuba, Piracaia, Mairiporã e Itapetininga. (SIMSON, 2007, p. 96)

Como colocado no capítulo anterior, a Barra Funda, o Bexiga ou Bela Vista e o Glicério foram os principais redutos da população negra paulistana no início do século XX por estarem próximos à região central e aos poucos postos de trabalho que tinham acesso. Porém suas moradias localizavam-se nas partes menos valorizadas desses bairros, mais degradadas e acidentadas, como a parte alagadiça próxima ao córrego do Lavapés na Liberdade, chamada Várzea ou Baixada do Glicério. Ou seja, foram nas regiões mais carentes da cidade que surgiram as primeiras expressões negras carnavalescas da cidade de São Paulo, possivelmente por consequência das festas profano-religiosas promovidas nesses mesmos pontos, conforme já mencionado. (SIMSON, 2007, p. 101)

No Dicionário da Música Popular Brasileira Cravo Albin, a escola de samba carioca Deixa Falar é considerada a primeira agremiação a usar essa classificação, embora haja controvérsias da data (em 1917 ou 1928) e até descrições de que seus primeiros

desfiles foram, na verdade, com a formação de “rancho”. Fundada por Ismael Silva, Bíde, Armando Marçal e outros no bairro do Estácio de Sá, a explicação para o uso do título “escola de samba”, nesta fonte, é:

O sambista Ismael Silva foi quem criou a expressão Escola de Samba, intencionado inicialmente em caracterizar a Deixa Falar, como integrada por "professores de samba", devido ao grupo de sambistas se reunir nas proximidades de uma escola de formação de professores no bairro do Estácio de Sá. (do site [www.clavebrasil.com.br](http://www.clavebrasil.com.br), visitado em 12/02/212)

Em São Paulo, Eupídio de Faria, fundou a primeira escola de samba paulistana, então chamada Primeira de São Paulo, em 1935, para acompanhar shows de samba e dançarinas, mas esta agremiação durou cerca de um ano. A mais antiga a utilizar essa classificação desde a fundação até hoje, a Lavapés, surgira com o título de “escola de samba” numa época em que as demais agremiações carnavalescas paulistanas intitulavam-se grupos, como, o Barra Funda, fundado em 12 de março de 1914 por Dionísio Barboza, e o Campos Elíseos, de 1915, ou cordões carnavalescos, como o Vai-Vai, de 1930, o Caveiras de Ouro, de Pinheiros, Flor da Mocidade e Geraldino, ambos da Barra funda, Esmeraldino, da Pompéia, Bando das Estrelas, da Santa Cecília, As Caprichosas, da Casa Verde, Mocidade Lavapés e Baianas Paulistas, do Glicério, e Marujos Paulistas, do Cambuci. (MORAES, 2000, p. 261)

Escolas de samba e cordões carnavalescos de São Paulo disputavam entre si nos desfiles de bairro promovidos com a ajuda de comerciantes e da comunidade. Os principais carnavais de rua citados pelos sambistas contemporâneos aconteciam em diferentes regiões, como a Lapa e a Vila Esperança, por exemplo. Com a oficialização e concentração dos desfiles, em 1968, as agremiações associadas ao poder público passariam a desfilar no centro da cidade, primeiro no Vale do Anhangabaú, e, a partir de 1973, na Avenida São João. Em 1977, os desfiles seriam transferidos para a Avenida Tiradentes e Sambódromo. (AZEVEDO, 2010, p. 186)

A oficialização, em 1968, se deu por ordem do prefeito de São Paulo, o carioca Faria Lima, com o objetivo de transformar os desfiles do carnaval paulistano em espetáculo para a população. Os cordões, e escolas de samba paulistanas - que traziam muitos elementos dos cordões típicos do carnaval da cidade - tiveram que se adequar a um regulamento e uma nova forma de desfile, copiado integralmente da

competição oficial de escolas de samba do Rio de Janeiro. Conseqüentemente, as agremiações paulistanas que quisessem fazer parte do desfile oficial teriam que imitar o modelo carioca em todos os detalhes e os cordões paulistanos ficariam cada vez mais raros, até desaparecerem ou converterem-se em escolas de samba.

Hoje encontramos alguns poucos grupos intitulados “cordões”, porém perdeu-se a referência dos elementos que caracterizavam os cordões paulistanos. Para citar alguns desses elementos, conforme Simson (2007), Manzatti (2005) e Moraes (1971), havia o “baliza” que abria o caminho para o desfile de seu grupo, a “corte” formada por casais de rei e rainha, príncipe e princesa etc., a “ala das rumbeiras”, e o ritmo era acompanhado pelo bumbo ou zabumba e os instrumentos de sopro.

O sambódromo, de acordo com AZEVEDO (2010, p. 104), foi construído no Parque Anhembi durante a gestão da prefeita Luiza Erundina, com inauguração e início dos desfiles em 1991, mas a conclusão das obras se deu em 1996. A prefeita também instituiu a lei 10.831, de 04/01/1990, que oficializou o carnaval como evento da cidade, portanto, ele passaria a ser subsidiado e administrado pela prefeitura, com infraestrutura organizada pela Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo.

Segundo o Censo do Carnaval Paulistano 2012 (São Paulo Turismo, 2012, p. 10), hoje, o evento oficial da cidade está dividido em:

- 1- LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA, que gere a competição entre 14 (catorze) escolas de samba do grupo especial e 8 (oito) do grupo de acesso, e mais os desfiles não competitivos feitos pelos grupos de afoxé que integram a LIGA e abrem os desfiles da sexta-feira e do Sábado de carnaval no Sambódromo;
- 2- UESP – UNIÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANAS, que gere a competição entre 12 (doze) escolas de samba em cada um dos grupos 1, 2 e 3 e mais 7 (sete) concorrentes do grupo 4, e a competição do grupo dos Blocos Especiais, com 13 concorrentes;
- 3- ABBC – ASSOCIAÇÃO DE BANDAS, BLOCOS E CORDÕES CARNAVALESCOS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, que gere os desfiles

não competitivos de 11 (onze) agremiações que desfilam uma semana antes do carnaval no centro, em circuito fechado; e,

- 4- ABASP – ASSOCIAÇÃO DAS BANDAS CARNAVALESCAS DE SÃO PAULO, que gere o desfile de 9 bandas carnavalescas que saem uma semana antes do carnaval pelas ruas da cidade.

Embora haja toda essa organização citada acima e os números do Censo do Carnaval Paulistano 2012 publicado pela São Paulo Turismo demonstrem que diversos grupos e pontos da cidade recebam o apoio do poder público para a realização do carnaval, essa estrutura não está disponível para grande parte das agremiações e manifestações paulistanas carnavalescas e pré-carnavalescas denominadas “de bairro” ou “de rua” que existem atualmente, o que acarreta em inúmeras concentrações e desfiles irregulares, embora muito prestigiados na cidade.

Nota-se que, ao longo da história do carnaval e do samba paulistas, as manifestações originais da população passaram por “adequações” para que pudessem ser aceitas entre aqueles que ditavam as regras políticas e sociais e continuassem de alguma forma vivas, ou foram tão fortemente repreendidas, desvalorizadas e desestimuladas que se extinguíram, como aconteceu com os caiapós e os antigos cordões paulistanos. O que reforça a necessidade de reconhecimento e preservação dos patrimônios culturais.

### 3. SOBRE O GLICÉRIO

O Glicério está rodeado pelos bairros da Sé, Brás, Cambuci, Liberdade e Bela Vista, é um subdistrito da Liberdade, está sob a jurisdição da subprefeitura da Sé, e também é conhecido como Baixada ou Várzea do Glicério. Suas principais características são o alagamento em dias de chuva, moradias simples, com muitos cortiços, concentração de bares, pequenos comércios, vendedores ambulantes e catadores de lixo, e a presença de famílias e crianças nas ruas, em especial nos finais de semana, nas vias localizadas entre o Glicério e a Sé. Além disso, a região é conhecida pelos viadutos, pelo alto índice de assaltos e comercialização de drogas e pela concentração de moradores de rua.

A Subprefeitura da Sé é uma organização pública, instituída a partir da Lei 13.399 de 2002 e é responsável pela administração pública dos seguintes distritos: Bom Retiro, Santa Cecília, Consolação, Bela Vista, República, Liberdade, Cambuci e Sé, localizados na região central da cidade de São Paulo.

A Liberdade é conhecida como o “bairro oriental da cidade de São Paulo”, devido à forte presença de imigrantes e descendentes de japoneses, chineses e coreanos. Os elementos orientais estão em toda parte do bairro: nos traços dos transeuntes, na língua que é ouvida nas lojas e nas ruas, nos produtos comercializados, nas sinalizações e ornamentos. Mas, conforme colocado nos capítulos anteriores, a Liberdade foi e ainda é um dos mais importantes cenários da história do povo negro em São Paulo.

Segundo o sítio eletrônico História dos Bairros, publicado junto à página da Prefeitura do Município de São Paulo na internet, a região da Liberdade já foi chamada de “Campo da Forca” e nela estavam situados um pelourinho, a primeira forca da cidade (na Rua Tabatinguera) e um dos primeiros cemitérios da cidade onde se enterravam os enforcados, escravos e pessoas menos favorecidas. Lá ainda encontramos a Igreja da Santa Cruz, conhecida como Igreja dos Enforcados ou Igreja das Almas.

De acordo com os entrevistados e o Dicionário de Ruas da cidade de São Paulo, o nome Rua do Lavapés, de onde Madrinha Eunice tirou o nome para sua escola, foi inspirado no fato de que nos tempos em que havia muita lama criada pelas cheias da Baixada do Glicério, os transeuntes tinham que lavar seus pés em córregos que formavam uma divisa natural entre a cidade propriamente dita e a zona rural antes de seguir para o Centro ou subir nos bondes que vinham do Cambuci. Na mesma fonte é explicado que a Rua da Glória é, na verdade, o antigo Caminho do Mar que ligava São Paulo a Santos, também chamada de Estrada de Santos, e passou a ter esse nome em 1851.

Perguntada sobre as opções de lazer do entorno da Lavapés, a presidente da Lavapés, Rosemeire Marcondes, afirma que, fora os ensaios feitos na rua pela própria escola, o passeio mais comum da família é ir à festa junina da Igreja Nossa Senhora da Glória. Antigamente, a família frequentava a Festa da Santa Cruz, igreja localizada na Rua Espírita, que está sendo restaurada, e onde aconteciam sambas e batuques na época de Madrinha Eunice. Para irem ao cinema, teatro ou assistir a um show, precisam deslocar-se até o centro ou outros bairros. Entre as demais atividades encontradas no bairro, Rosemeire cita as festas de funk, forró e samba, os forrós montados nas portas dos bares com som de carro, e as concentrações de estudantes e bares da rua das faculdades, a Taguá, próxima ao encontro da Avenida da Liberdade com a Rua Vergueiro.

De acordo com o sítio eletrônico da prefeitura da capital paulistana, em março de 2012 foi inaugurado o Pólo Glicério, debaixo do Viaduto do Glicério, como parte do programa Virando o Jogo Sampa cujo objetivo é oferecer atividades esportivas e de lazer, como oficinas de basquete e hip hop, após o período escolar para manter crianças e jovens longe da ociosidade e das drogas. Uma importante iniciativa e uma das poucas opções de ocupação de área livre com esporte e cultura no Glicério.



### 3. POTENCIALIDADES E DIFICULDADES

A seguir são apontadas algumas das potencialidades e dificuldades para a escola de samba Lavapés ser reconhecida como um patrimônio cultural.

A Lavapés guarda o entroncamento das raízes do samba paulista. Foi um dos poucos espaços de recreação, atuação e criação artística do povo negro paulistano na primeira metade no século XX. Por seus 75 anos de vida e sua influência no carnaval paulistano, constitui um patrimônio histórico e cultural a ser reconhecido e preservado.

Para tanto, a agremiação e seus parceiros poderiam elaborar planos e metas em busca de apoio junto a leis municipais (CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), estaduais (CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e federais (IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) de preservação de patrimônios históricos e artísticos brasileiros, além de tentar obter orientação da própria UNESCO, que referencia as ações de preservação do patrimônio imaterial em todo o mundo.

Um gancho interessante para colocar em prática as sugestões acima, é que em 2010 foi aprovada pela Câmara dos Vereadores o projeto de lei nº 01-0608/2009, de autoria de Camilo Augusto Neto, um dos diretores da UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas), onde foi denominado como “Marco Zero do Samba Paulistano” o local situado na altura da Rua da Glória, número 961, considerado o ponto de fundação da Lavapés. A partir desta lei foi autorizada a fixação de um monumento - cuja placa já se encontra em poder da direção da escola de samba - que aguarda a sua construção.

Nas palavras do vereador Jamil Murad (PCdoB), um dos que apoiaram o projeto de lei na Câmara Municipal de São Paulo: “(...) O samba, autêntica manifestação popular, é um bem de valor histórico, artístico e cultural e deve ser preservado e incentivado, nos termos dos artigos 191 e seguintes da Lei Orgânica do Município de São Paulo. Denominar o Marco Zero do Samba Paulistano é medida que merece

aprovação em razão da preservação da memória histórica e cultural de nossa cidade”. ([www.jamilmurad.com.br/site/acoes/projetos/509-608-09.html](http://www.jamilmurad.com.br/site/acoes/projetos/509-608-09.html), visitado em 12/02/201)

Os citados artigos 191 e seguintes da Lei Orgânica do Município de São Paulo (de 04 de abril de 1990) tratam do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade e da sua preservação, do exercício de suas diversas expressões e do apoio e fomento às iniciativas que contribuem para isso, além de outras disposições que favoreceriam o reconhecimento da Lavapés como um símbolo da cultura negra paulistana e a criação de um espaço – ou devolução e melhoria da antiga quadra – para a agremiação se estruturar e se fortalecer como um polo histórico e cultural da cidade.

A sua localização na região central da cidade é outro fator a ser considerado. Ela é de fácil acesso, está próxima a diversos possíveis parceiros também localizados na zona central da cidade, e seus eventos, se realizados em local apropriado, poderiam ser muito frequentados pela comunidade e público em geral. Ao mesmo tempo, essa frequência poderia trazer mais vida às ruas do Glicério, por onde circulariam mais pessoas na baixada para ir à escola de samba participar de suas atividades – fato raro de se observar na degradada região de hoje.

Seu histórico e campo de atuação inspiram a criação de inúmeras ações culturais, como um memorial no Glicério sobre o samba e o carnaval paulista, o desenvolvimento de um acervo especializado, oficinas culturais diversas, apresentações musicais, encontros de sambistas, palestras e cursos, além de todas as atividades comuns de uma escola de samba.

Fora o histórico da agremiação, um de seus destaques está na presença dos jovens e excelentes ritmistas, representados por Percival “Bongos”, filho de Rosemeire e Percival, dirigentes da escola. O adolescente já é tricampeão do concurso Repinique de Ouro, e sua performance estimula seus companheiros e, principalmente, os mais jovens a também desenvolverem sua técnica como ritmista através de muita prática e dedicação ao samba.

A Lavapés já foi parceira da prefeitura e do estado, respectivamente, nos programas Recreio nas Férias (de 2001 a 2004) e Barracão (de 2001 a 2006, aproximadamente). No primeiro, a escola recebeu centenas de crianças, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, durante as férias escolares, para participarem de atividades recreativas. No segundo, a escola disponibilizava sua estrutura e mão de obra para oferecer à população oficinas artístico-culturais relacionadas ao carnaval.

Não ter uma quadra ou sede adequada, como colocado anteriormente, é o principal empecilho para a escola firmar laços com sua comunidade e realizar atividades extracarnaval. Para reverter essa situação e ter de volta o terreno da Rua Barão de Iguape, a agremiação tem buscado ajuda em todos os setores, mas não há nada de concreto que aponte um final positivo. A locação de um espaço ou mesmo a aquisição estão totalmente fora do alcance no momento.

Outro fato que poderá influenciar a continuidade das atividades da Lavapés é o de que o centro da cidade vem passando por interferências promovidas por parcerias público-privadas com o objetivo de revitalizá-lo, e tais projetos podem representar tanto uma oportunidade como o fim da Lavapés para a comunidade do Glicério. Uma escola de samba em meio a uma área residencial, que tende a ser valorizada com as melhorias e exploração imobiliária comum das localidades centrais, possivelmente não será compreendida ao longo do tempo se não houver apoio, educação e reconhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de extrema urgência que o poder público reconheça a escola de samba Lavapés como um patrimônio cultural e dê o devido apoio para a sua preservação, organização e estruturação. Também é clara a necessidade de a agremiação se assumir como um patrimônio cultural e considerar sua atuação como entidade à parte ou especial no carnaval paulista e colocar esforços nesse sentido, muito mais do que viver lutando para manter-se na competição – atividade que consome todo o trabalho e recurso anual e que está cada vez mais distante das raízes e fundamentos inerentes à manifestação cultural original.

A Lavapés precisa desenvolver um plano (um departamento) de captação de recursos para a sua preservação e melhoria, mas falta o domínio de muitas ferramentas para que ela dê um salto na direção do crescimento e possa ser usufruída pela sociedade em todo o seu potencial.

Tendo o devido reconhecimento e apoio, será possível a capacitação e dedicação da escola para utilizar-se das políticas públicas, leis de incentivo e outros mecanismos utilizados por instituições correlatas que conseguem construir e manter sua estrutura física e organizacional para a preservação e promoção da cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira - Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

ANDRADE, Mário de. *O samba rural paulista*. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

AZEVEDO, Clara de Assunção. *Fantasia negociadas. Políticas do carnaval paulistano na virada do século XX*. São Paulo: USP, 2010. (Dissertação de Mestrado)

CENSO DO SAMBA PAULISTANO: 2012. São Paulo: São Paulo Turismo, 2012.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC, 2006.

MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. São Paulo: PUC, 2005. (Dissertação de Mestrado)

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

MORAES, Wilson Rodrigues de. *Escolas de Samba e Cordões na cidade de São Paulo*. In: *Revista do Arquivo Municipal*. CLXXXIII. São Paulo: Departamento de Cultura, 1971.

MORAES, Wilson Rodrigues de. *Escolas de Samba de São Paulo (Capital)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

REIS, Ana Carla Fonseca, KAGEYAMA, Peter (orgs.). *Cidades criativas - perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011. 176 p.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Carnaval em Branco e Negro. Carnaval Popular Paulistano - 1914-1988*. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/Editora da USP, 2007. v. 1. 250 p.

URBANO, Maria Aparecida. *Mães do Samba: Tias Baianas ou Tias Quituteiras*. 1. Ed. São Paulo, 2012.

## VIDEOGRAFIA

Documentário – extra do DVD “1000 Trutas 1000 Tretas” dos Racionais MCs.

## SÍTIOS ELETRÔNICOS VISITADOS

[www.clavebrasil.com.br](http://www.clavebrasil.com.br), visitado em 12/02/2012;

[www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br), visitado em 12/02/2012;

<http://www.jamilmurad.com.br/site/acoes/projetos/509-608-09.html>, em 12/02/2012;

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/educacao/cme/LOM.pdf>, em 10/03/2012;

[http://spbairros.com.br/resultado\\_busca.php](http://spbairros.com.br/resultado_busca.php), em 10/03/2012;

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/servicos/index.php?p=542>, em 10/03/2012;

<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>, em 10/03/2012;

[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio\\_historico/institucional/index.php?p=329](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/institucional/index.php?p=329), em 10/03/2012;

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp/>, em 30/03/2012;

<http://duquedecaxiasglicerio.blogspot.com.br/>, em 30/03/2012;

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300006&script=sci_arttext), em 30/03/2012;

<http://noticias.r7.com/blogs/adriana-araujo/2011/07/05/baixada-do-glicerio-ate-quando/>, em 10/04/2012;

<http://vaidartudocertosp.com/especiais/a-rotina-de-assaltos-a-carros-e-pedestres-na-baixada-do-glicerio-continua/>, em 10/04/2012;

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>, em 10/04/12.